

RECADOS NA PAREDE: A DINÂMICA DE UM GRUPO DE GRAFITEIROS EM FORTALEZA.

Lara Denise Oliveira Silva (UFC)

Orientador(a): Glória Maria dos Santos Diógenes (UFC)

DEFINIÇÃO DO OBJETO

Entende-se por grafite frases e letras facilmente identificáveis na paisagem das cidades brasileiras e internacionais. Em sua maioria coloridos, composto de desenhos cujas formas vão desde traços figurativos a efeitos surreais, eles são impressos em locais diversos da paisagem urbana: "postes, calçadas, viadutos etc. são preenchidos por enigmáticas imagens" (GITAHY, 1999, p.16).

O ato de desenhar ou escrever nos muros e paredes é antigo e remonta a antiguidade clássica, a pré-história. O grafite seria, guardada as devidas proporções e evitado os anacronismos, uma espécie de expressão contemporânea dessa prática antiga. De atividade marginal, comumente associada a gangues e vista como sujeira ou depredação, o grafite passou a ser classificado como expressão artística. Essa mudança está relacionada ao potencial que o mercado de artes viu no grafite, transformando grafiteiros em artistas renomados e bem remunerados e a possibilidade que os artistas viram em experimentar a rua como um novo suporte.

Pode-se dizer que o grafite é um fenômeno global, pois sua manifestação pode ser conferida em diversas cidades do mundo. Sua expansão deu-se como linguagem do movimento cultural hip hop que atualmente não é a referência exclusiva para os grafiteiros. Diferentes estilos, técnicas e temas podem ser percebidos nos grafites, o que evidencia as muitas referências para esta atividade.

As reflexões feitas neste trabalho são resultado de pesquisa desenvolvida junto a um grupo de grafiteiros de Fortaleza- CE, o *Grafiticidade*, cujo trabalho tem uma relação mais evidente com a artes plásticas.

GRAFITE X PICHANÇA

Para a maioria dos cidadãos, grafite e pichação são vistos sem distinção, uma vez que são praticados nos mesmos locais (muros e paredes) e muitas vezes com o mesmo instrumento: a tinta spray. Se para o senso comum as diferenças entre grafite e pichação não são claramente demarcadas, para os sujeitos grafiteiro e pichador as fronteiras entre as duas atividades estão bem delimitadas.

Para grafiteiros e pichadores, as diferenças entre as suas respectivas atividades não se limitam a questões relativas às técnicas e temas, mais do que isso, dizem respeito a dimensões simbólicas que envolvem o ato de pichar e/ou grafitar.

Pichação e grafite eram vistos sem diferenciação pela Lei Ambiental 9605 de 1998 que os proíbe. Este ano, no dia vinte e cinco de maio, a presidente Dilma Roussef sancionou a lei que diferencia as duas atividades e ainda proíbe a venda de tinta em *spray* para menores de 18 anos. Essa mudança na lei levanta muitas discussões e acirra a disputa entre grafiteiros e pichadores.

Grafiteiros e pichadores têm uma vivência alternativa da arquitetura das cidades. Tratá-los sob a perspectiva maniqueísta de grafite-bom, pichação-mal reduz as dimensões discursivas que as duas atividades comportam.

OBJETIVOS DO TRABALHO

Buscou-se compreender a dinâmica do grupo de grafiteiros *Grafiticidade*, procurando apreender aspectos da sociabilidade de seus membros, como o grupo se formou, qual a lógica da escolha dos lugares a ser grafitados, quais o principais temas abordados em seus painéis de grafite e as técnicas utilizadas em sua execução. Outros objetivos relacionaram-se a entender quais as construções discursivas dos grafiteiros em relação a pichação, a arte e a cidade.

METODOLOGIA

O trabalho foi conduzido seguindo os princípios do método etnográfico. Foram realizados trabalho de campo, registros fotográficos, entrevistas semi-estruturadas e anotações em diário de campo. O campo materializava-se nos encontros com os grafiteiros e nos trajetos cotidianos onde muros e paredes grafitados suscitavam reflexões, dúvidas e idéias

RESULTADOS OBTIDOS

Do trabalho de campo foi possível concluir que os grafiteiros fazem uma escolha afetiva e racional dos lugares a serem grafitados. Eles tem preferência pelo tom crítico, questionador, procuram experimentar novas técnicas e materiais e vêm as ruas como espaços de intervenção, influência e experimentação. Relacionam o grafite a arte, questionando as concepções artísticas tradicionais

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de Barro Duro: cultura popular juvenil e grafite. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1999.
- DIÓGENES, Glória. Cartografias da cultura e da violência – gangues, galeras e o movimento hip hop. São Paulo: Annablume, 1998.
- GITAHY, Celso. O que é graffiti? São Paulo: Editora Brasiliense, 1998
- RAMOS, Maria Antonacci. Graffiti, pichação & Cia- São Paulo: AnnaBlume, 1994.
- SILVA, Armando. Imaginários Urbanos. São Paulo: Perspectiva, 2001.